



**Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de posse do ministro de Minas e Energia, Edison Lobão**

Palácio do Planalto, 21 de janeiro de 2008

Excelentíssimo senador Garibaldi Alves, presidente do Senado Federal,
Meu caro Edison Lobão, ministro de Minas e Energia,

Meu caro companheiro Nelson Hubner, que tão brilhantemente exerceu
(funções), num primeiro momento, no gabinete da Dilma, como ministra, e no
do Silas, e que agora deseja ter umas férias para descansar,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra da Casa Civil,

Tarso Genro, ministro da Justiça,

Guido Mantega, ministro da Fazenda,

Fernando Haddad, ministro da Educação,

Luiz Marinho, ministro da Previdência,

José Gomes Temporão, ministro da Saúde,

Fernando Lopes de Oliveira, ministro interino das Comunicações,

Sergio Rezende, da Ciência e Tecnologia,

Geddel Vieira Lima, ministro da Integração Nacional,

Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria Geral,

José Múcio, ministro-chefe da Secretaria de Relações Institucionais,

Governador Jackson Lago, do Maranhão,

Governador Alcides Rodrigues, de Goiás,

Governador Teotônio Vilela, de Alagoas,

Marcelo Miranda, governador de Tocantins,

José de Anchieta Júnior, governador de Roraima,

Companheiros senadores, deputados,

Convidados e amigos da imprensa,



O senador Lobão toma posse num dia, eu diria, especial do setor energético brasileiro. Hoje eu tive a felicidade de ter uma demonstração do que a ministra Dilma vai apresentar amanhã, à imprensa, do PAC. E penso que em algum momento, ministro José Múcio, seria extremamente importante que nós conseguíssemos juntar deputados e senadores para que pudéssemos dar uma dimensão do que está acontecendo no Brasil.

De um lado, o ministro Lobão toma posse num momento em que notícias são publicadas, de que nós corremos um risco de apagão elétrico. Muitas vezes, as perguntas são feitas e a resposta leva qualquer cidadão a entender que pode ter apagão: se o mundo acabar, vai ter apagão; se não chover nunca mais, pode ter um apagão. Essas perguntas... quem foi candidato a presidente três vezes, sabe o que é uma pergunta: “Se você não ganhar, você vai apoiar fulano de tal?”. Se você se meter a responder essa pergunta, a manchete sempre deporá contra a sua campanha.

Mas o ministro Lobão vai ter oportunidade, a partir de amanhã – já deve ter visto isso com o Nelson e com a Dilma – de fazer uma comparação entre alguns pessimistas que vendem diariamente a idéia de que vai faltar energia, como se nós pudéssemos repetir 2001. Tem duas hipóteses: ou não querem que as coisas aconteçam neste País, ou parece que querem contribuir para o aumento do preço da energia.

O trabalho do governo não é o de ficar brigando com as especulações. O trabalho do governo é cumprir com aquilo que nos propusemos a cumprir, executar as obras que já estão determinadas, contratadas, empenhadas, algumas em construção, outras em fase de licitação, e dotar o Brasil de um bem extraordinário, sem o qual nós não convenceríamos qualquer brasileiro ou estrangeiro a fazer investimento no Brasil.

Posso lhe dizer, ministro Lobão, que com a sua experiência política você terá uma surpresa extraordinária na hora em que tiver acesso a todas as obras



de energia que estão acontecendo no nosso País, seja pequenas hidrelétricas, seja grandes hidrelétricas, seja termelétricas, seja linha de transmissão, que também é extremamente importante e foi uma das razões pelas quais o apagão de 2001 foi mais forte, porque nós não tínhamos como transmitir energia de lagos que tinham excesso de água, como o do Sul para o Sudeste, e isso, agora, está praticamente interligado.

Mas muito mais do que isso. As novas formas de produzir energia, como a biomassa, como a eólica, de que já temos experiência bem-sucedidas e, logo, logo, teremos leilões para que a gente possa continuar oferecendo ao povo brasileiro a certeza de energia.

Outro dia vocês viram na imprensa, e o senador Lobão deve ter acompanhado, um problema que houve com o gás, lá no Rio de Janeiro, principalmente. Nós temos uma decisão do governo, uma decisão da Petrobras e uma decisão de todo o setor: nós queremos fornecer gás para carro, para ônibus, para termoeletrica, queremos oferecer gás para a indústria. Agora, todo mundo tem que ter claro: a prioridade número um do gás é garantir energia neste País. Portanto, na hora que tiver falta de água e precisar utilizar o gás, todo mundo precisa saber que, se for necessário, até o gás que a Petrobras utiliza para tentar achar petróleo, nós vamos transformá-lo em energia, porque o que nós queremos é que este País tenha energia de sobra, de preferência farta, e de preferência a um preço extraordinário.

Todos vocês acompanharam o último leilão do rio Madeira. Havia neste País gente que dizia que não era possível vender o megawatt-hora abaixo de 116 reais. Todo mundo dizia: “Assim não vai ter concorrência, ninguém vai aparecer, isso vai ser um fracasso”. Não só aparecerem cinco empresas, como quem ganhou baixou de 116 para 78,9 reais o megawatt-hora. Voltamos aos preços de 1990. Nós agora temos a hidrelétrica de Santo Antônio para fazermos o leilão no mês de maio. Daqui a pouco, se Deus quiser, estaremos fazendo o leilão de Belo Monte, que era uma outra coisa que parecia proibido



se falar nesse assunto, no Brasil. Durante 20 anos se proibiu fazer o estudo de Belo Monte, não era fazer a hidrelétrica, não, era fazer o estudo. Nós agora estamos fazendo o estudo e, se Deus quiser, nós começaremos, tão logo cumpramos com todas as regras legais, iremos a construir a hidrelétrica.

Além do gás, por isso criamos o Plangás, que obriga a nossa boa Petrobras a fazer todos os gasodutos que forem necessários. E eu fiquei feliz, José Sérgio, porque depois de três anos de espera, finalmente o Gasene saiu, assinamos o contrato e agora, quem sabe, você vai me convidar para dar o primeiro ponto de solda.

E você, ministro Lobão, toma posse neste momento, eu diria, auspicioso do setor no Brasil. E obviamente que poderia estar sendo muito melhor se anos atrás tivéssemos feito a lição de casa. Portanto, eu estou convencido de que você exercerá a sua pasta com a grandeza da sua carreira política e vai desmontar uma série de preconceitos que se cria neste País. Eu não podia ser presidente porque era metalúrgico, estou aqui. Você não pode ser ministro porque você não é técnico, como se todo técnico de futebol fosse o melhor jogador do time. Olha, o que eu tenho clareza é que com a sua clareza política você saberá detectar dentro do setor energético brasileiro a chamada inteligência viva do setor neste País e montar um Ministério que possa ser motivo de orgulho para o nosso País. Portanto, eu queria te dizer, meu caro, boa sorte.

Ao querido companheiro Nelson. O Nelson, para quem não sabe, é um companheiro de primeira hora. Há 30 anos como engenheiro elétrico, trabalhou no Ministério com a Dilma, trabalhou com o Silas e trabalhou agora, foi o ministro interino mais longo que eu tive no meu governo. Exatamente porque quando nós resolvemos construir essa relação com o PMDB e quando nós falamos na história da coligação, de uma aliança estratégica, pressupõe que você discuta o governo também com os seus parceiros estratégicos. O ideal do mundo, senador Teotônio Vilela, seria que nós pudéssemos ganhar as



eleições, sozinhos elegermos 400 deputados, 70 senadores, e não precisarmos de ninguém. Isso é ilusão. O presidente Sarney conseguiu fazer 300 e poucos constituintes, 23 governadores de estados e teve dificuldades para governar o País porque, dentro do próprio partido, as cabeças pensantes e divergentes pensam diferente do presidente da República. E o Sarney ainda tinha do lado dele, ora ajudando, ora fazendo um pouquinho de oposição, um homem da magnitude do dr. Ulysses Guimarães, que era o presidente da Câmara e presidente da Constituinte.

A sabedoria da política está no fato de você saber construir as alianças com os contrários, de construir as parcerias dentro da adversidade. Ninguém precisa torcer para o mesmo time ou ter como profissão de fé a mesma religião. O que nós precisamos é ter uma única coisa: compromisso com este País. E ter a convicção de que este País vive um dos melhores momentos de toda sua história, e nós só o jogaremos fora se formos incapazes. Ministro Guido, eu tenho lido muitos comentaristas econômicos. Sabe o que me deixa triste? É que, às vezes, eu leio artigos, Paulo Vannuchi, de pessoas que parece que estão torcendo para que a crise americana crie algum problema para o Brasil, ou seja, um determinado tipo de gente que não se conforma que as coisas estejam dando certo neste País, que não se conforma que as coisas andem bem, que não se conforma que o povo esteja vivendo um momento de otimismo como há muito tempo não vivia.

O ministro Fernando Haddad estava me contando que foi ontem a um congresso de professores, e um grupo representante minoritário o vaiou. Sabe por que, deputado Paulo Maluf, vaiaram o Fernando Haddad? Porque ele ousou dizer ao Brasil que é possível aumentar a média de 12 alunos por professor, na universidade, para 18, colocando mais 200 e poucos mil jovens pobres na universidade. E isso incomoda algumas pessoas, que acham que 12 alunos por professor é demais. No Brasil, todas as vezes que a gente começa a fazer com que os excluídos passem a participar do bolo que eles ajudam a



construir, tem gente que se incomoda.

Pode ficar certo, ministro Lobão, que você vai ouvir muitas e boas por aí, todos os dias vai ter um apagão, todos os dias vai ter um problema. Agora, quando você conhecer o seu pessoal, montar a sua equipe, vai perceber que nós estamos preparados, não apenas para crescer 5%, mas para crescer até um pouco mais, sem precisar faltar energia neste País.

Voltando ao meu companheiro Nelson – porque eu queria falar um pouquinho de economia –, Nelson, eu só tenho, meu querido, que te agradecer. Agradecer pela contribuição, agradecer pela lealdade e dizer que você merece as suas férias, merece ajudar a definir o destino da família, mas esteja certo de que nós estaremos sempre de braços abertos para ter uma conversa e, quem sabe, você volte a participar do nosso governo, em qualquer lugar deste País.

Por isso, Lobão, eu quero primeiro agradecer ao PMDB, que através da sua direção e da sua bancada de senadores o escolheu para (ser ministro). Houve insinuações de que eu estaria chateado. Lobão, só pode pensar isso de mim quem não me conhece. Em primeiro lugar, eu aprendi – e é por isso que eu sobrevivi e cheguei aqui – a manter relação política, do maior respeito, seja com aliados ou com adversários. Na medida em que um companheiro é indicado por um partido político que tem tido a relação democrática que tem conosco, como o PMDB, ou como os outros partidos aliados, eu me reservo o direito de receber as pessoas de braços abertos. A coisa que eu acho mais extraordinária é que somente o tempo se encarrega de provar que alguns críticos estavam errados. Certamente a sua vida foi levantada, certamente compraram muitas lupas para pesquisar a sua vida, e depois de tantos anos na política, alguns adversários vão ter que dormir hoje, dizendo: “Não adiantou. O Lobão virou ministro de Minas e Energia”.

Meus parabéns e boa sorte.